

SARGENTO DA GUARDA

- Se ele entrasse para a guarda, logo seria capitão.
- Não precisa; melhor que sirva no exército.
- Disse bem! Ele que se esfalfe...

Mas quem é o pai?

*Kniájnin*¹

Meu pai, Andrei Petróvitch Grinióv, na juventude, serviu com o conde Münich e deu baixa como primeiro-major em 17^{**}. Desde então, vive em sua aldeia, na região de Simbirsk, onde se casou com Avdótia Vassílievna U., filha de um fidalgo pobre desse mesmo lugar. Éramos nove filhos. Todos os meus irmãos e irmãs morreram na infância.

Minha mãe ainda estava comigo na barriga quando fui alistado como sargento no regimento Semiónovski, por gentileza do major da guarda, príncipe B^{**}, nosso parente próximo. Se, contra todas as expectativas, mamãe desse à luz uma filha, papai comunicaria a quem preciso fosse a morte do sargento ausente, e a questão se encerraria assim. Fui considerado de licença até a conclusão dos estudos. Naquela época, a educação não era como hoje. Aos 5 anos de idade, fui entregue às mãos do cavaliço Savélitch, condecorado meu preceptor por sua conduta abstinência. Sob sua tutela, aos 12 anos estava alfabetizado em russo e podia julgar com muito senso as qualidades de um cão borzói. Nessa época, papai contratou-me um francês, *monsieur* Beaupré, que encomendaram de Moscou junto com o estoque anual de vinho e azeite de Provença. Sua chegada desagradou fortemente a Savélitch.

1. Citação da comédia *O Fanfarrão*, de Iákov Kniájnin (1740/2?–1791). (N. E.)

– Graças a Deus – resmungava ele consigo mesmo –, a criança está lavada, penteada e alimentada. Qual a necessidade de esbanjar dinheiro e contratar um “*messiê*”, como se a nossa gente não fosse suficiente?

Em sua pátria, Beaupré fora cabeleireiro, na Prússia fora soldado e depois chegou à Rússia *pour être outchitel*², sem entender muito o significado dessa palavra. Era um bom sujeito, mas extremamente estouvado e libertino. Sua principal fraqueza era a paixão pelo belo sexo; não raro, por suas gentilezas, ele levava uns safanões que o faziam ficar dias inteiros se condoendo. Ademais, não era (em suas palavras) *inimigo da garrafa*, ou seja (falando russo), gostava de uns tragos a mais. Mas, como o vinho em nossa casa só era servido no jantar, em um cálice que, além de tudo, em geral não passava pelo professor, Beaupré muito rapidamente acostumou-se ao *nastoika*³ russo, passando até a preferi-lo aos vinhos de sua pátria, como mais benéfico à digestão. Entendemo-nos imediatamente e, embora pelo contrato estivesse obrigado a me instruir em *francês, alemão e todas as ciências*, ele preferia aprender rapidamente uma ou outra tagarelice em russo comigo e, depois, cada um se ocupava de seus afazeres. Vivíamos na mais perfeita harmonia. Eu não poderia querer um mentor melhor. Porém, logo o destino nos separaria, e vejam em que circunstâncias.

A lavadeira Palachka, uma moça gorda e bexiguenta, e a zarlha Akulka, que cuidava das vacas, de alguma forma combinaram de se jogar ao mesmo tempo aos pés de mamãe, assumindo a culpa por sua fraqueza criminoso e queixando-se aos prantos do “*messiê*”, que se aproveitara da inexperiência delas. Mamãe não gostava de brincar com isso e se queixou a papai. Sua justiça foi sumária. Imediatamente exigiu a presença do canalha do francês. Informaram que “*messiê*” estava me dando aula. Papai foi ao meu quarto. Nessa hora, Beaupré dormia, em minha cama, o sono dos justos. Eu estava ocupado. É preciso saber que tinham encomendado, de Moscou, um mapa-múndi para mim. Estava pendurado na parede, sem nenhum uso, e há tempos o tamanho

2. “Para ser professor”, em francês misturado com russo no original. (N. T.)

3. Espécie de licor forte e pouco doce, feito de ervas ou frutas, com teor alcoólico em torno de 45%. (N. T.)

e qualidade do papel me seduziam. Decidi fazer uma pipa com ele e, aproveitando o sono de Beaupré, lancei-me ao trabalho. Papai entrou no exato momento em que eu estava pregando a rabiola no Cabo da Boa Esperança. Ao ver meus exercícios de Geografia, papai me puxou pela orelha, depois correu até Beaupré, acordou-o sem a menor consideração e pôs-se a cobri-lo de reproches. Beaupré, em sua confusão, queria se erguer e não conseguia: o infeliz francês estava completamente bêbado. Desgraça pouca é bobagem. Papai ergueu-o da cama pelo colarinho, atirou-o pela porta e no mesmo dia enxotou-o de casa, para a alegria indescritível de Savélitch. Assim terminou minha formação.

Cresci ignorante, caçando pombos e brincando de pular carniça com os meninos da criadagem. Assim cheguei aos 16 anos. Então meu destino mudou.

Certo dia, no outono, mamãe estava fazendo compota de mel na sala de visitas, e eu, lambendo-me, olhava para a espuma a ferver. Papai, à janela, lia o Calendário da Corte, que recebia todo ano. Esse livro sempre exercia uma forte influência sobre ele: nunca o lia sem especial interesse, e a leitura sempre lhe produzia uma agitação espantosa da bile. Mamãe, que sabia de cor todas as suas manhas e manias, sempre tentava esconder o desgraçado livro o mais longe possível e, dessa forma, o Calendário da Corte não lhe caía nas vistas, às vezes, por meses inteiros. Todavia, quando o encontrava por acaso, acontecia de passar horas inteiras sem o soltar. Pois então, papai estava lendo o Calendário da Corte, dando de ombros de vez em quando e repetindo, a meia voz: “Tenente-general!... Na minha companhia, era sargento!... Cavaleiro de ambas as ordens russas!... E, há pouco tempo, nós...”. Por fim, papai jogou o calendário no sofá e afundou em uma meditação que nada prenunciava de bom.

De repente, dirigiu-se a mamãe:

– Avdótiá Vassílievna, quantos anos tem Petrucha⁴?

– Acabou de fazer 17 – respondeu mamãe. – Petrucha nasceu no mesmo ano em que tia Nastássia Garássimovna ficou caolha e quando ainda...

4. Diminutivo do nome Piotr. (N.R.)

– Bem – interrompeu papai –, está na hora de mandá-lo para o exército. Chega de correr atrás das criadas e trepar no pombal.

Mamãe ficou tão espantada com a ideia da iminente separação de mim que deixou cair a colher na panela, e lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Quanto a mim, muito pelo contrário: é difícil descrever meu enlevo. A ideia do serviço fundia-se em mim com ideias de liberdade, dos prazeres da vida petersburguesa. Imaginava-me oficial da guarda, o que, na minha opinião, era o ápice da felicidade humana.

Papai não gostava nem de modificar suas intenções nem de postergar sua realização. O dia de minha partida foi marcado. Na véspera, ele anunciou que tencionava mandar comigo uma carta para meu futuro chefe e pediu pena e papel.

– Não se esqueça, Andrei Petróvitch – disse mamãe –, de mandar também meus cumprimentos ao príncipe B***; diga que espero que ele não deixe de dispensar seus favores a Petrucha.

– Que absurdo! – respondeu papai, carrancudo. – Por que raios vou escrever para o príncipe B***?

– Mas você não disse que vai se dignar a escrever para o chefe de Petrucha?

– Bem, e daí?

– Pois o chefe de Petrucha é o príncipe B***. Afinal, Petrucha está alistado no regimento Semiónovski.

– Alistado! E que tenho eu a ver com ele estar alistado? Petrucha não vai para São Petersburgo. O que vai aprender servindo em Petersburgo? A jogar e a fazer farra? Não, ele que sirva no exército, que vá para a labuta, que cheire pólvora, que seja um soldado, e não um vadio. Alistado na guarda! Onde está o passaporte dele? Passe-o para cá.

Mamãe pegou meu passaporte, que estava guardado em seu cofre, junto de minha camisa de batismo, e o entregou a papai, com as mãos trêmulas. Papai leu-o com atenção, colocou-o à sua frente, na mesa, e começou sua carta.

A curiosidade me atormentava: para onde me mandariam, senão para São Petersburgo? Não tirava os olhos da pena de papai, que se

movia bem devagar. Por fim ele terminou, colocou a carta e o passaporte em um único pacote selado, tirou os óculos e, chamando-me, disse:

– Aqui está a carta para Andrei Kárlovitch R., meu velho amigo e camarada. Você vai para Oremburgo, servir sob seu comando.

Assim, ruíram todas minhas brilhantes esperanças! Em vez da vida alegre em Petersburgo, aguardava-me o tédio em um rincão ermo e afastado. O serviço, no qual até um minuto antes eu pensava com tamanho enlevo, parecia-me uma desgraça horrenda. Mas não havia o que discutir. Na manhã do dia seguinte, trouxeram ao terraço de entrada uma quibitca⁵ de viagem; colocaram nela uma mala, uma frasqueira com aparelho de chá e embrulhos com pães e pastelões, últimos sinais dos mimos caseiros. Meus pais me abençoaram. Papai me disse:

– Adeus, Piotr. Seja um servidor fiel daquele a que tiver jurado; dê ouvido aos comandantes; não corra atrás de seus favores; não se afobe para servir; não se esquive do serviço; e lembre-se do provérbio: comece a cuidar da roupa quando é nova, e da honra desde jovem.

Mamãe, entre muitas lágrimas, mandou que eu cuidasse da saúde e que Savélitch ficasse de olho em mim. Vestiram-me um casaco de lebre e, por cima, um sobretudo de raposa. Entrei na quibitca com Savélitch e pus-me a caminho, banhado em lágrimas.

Nessa mesma noite, cheguei a Simbirsk, onde deveria passar um dia para adquirir o que fosse necessário, incumbência dada a Savélitch. Fiquei na estalagem. Savélitch foi até as lojas pela manhã. Entediado de ficar olhando pela janela para a travessa enlameada, fui vagar pelos outros cômodos. Fui parar na sala de bilhar, onde avistei um fidalgo alto, de 35 anos, de longos bigodes negros, roupão, taco na mão e cachimbo entre os dentes. Estava jogando com o marcador, que, quando ganhava, tomava um cálice de vodca, mas, quando perdia, tinha que se arrastar de quatro debaixo da mesa. Comecei a assistir ao jogo. Quanto mais este se prolongava, mais frequentes se tornavam os passeios de quatro, até que, por fim, o marcador ficou embaixo da mesa. O fidalgo dirigiu-lhe algumas sentenças profundas, com ar de oração fúnebre, e me propôs jogar uma partida. Recusei,

5. Carro coberto. (N. T.)

por não saber. Isso, aliás, pareceu-lhe estranho. Fitou-me, como se tivesse pena; mesmo assim, começamos a conversar. Fiquei sabendo que se chamava Ivan Ivánovitch Zúrin, que era capitão do regimento de hussardos, encontrava-se em Simbirsk para receber recrutas e estava hospedado na estalagem. Zúrin convidou-me para almoçar com ele o que estivessem servindo, como soldados. Concordei com satisfação. Colocaram-me à mesa. Zúrin bebia muito e pressionou-me a fazer o mesmo, dizendo que era preciso me acostumar ao serviço; contou-me anedotas militares, que quase me derrubaram de tanto rir, e nos levantamos da mesa como perfeitos amigos. Então ele se ofereceu a me ensinar a jogar bilhar.

– Isso – disse – é imprescindível para quem serve. Em uma campanha, por exemplo, você chega a um vilarejo; vai fazer o quê? Pois não pode ficar só batendo nos *jids*⁶. Entra em uma estalagem a contragosto e começa a jogar bilhar; mas, para isso, precisa saber jogar!

Fiquei completamente convencido e lancei-me ao aprendizado com grande aplicação. Zúrin aprovava-me ruidosamente, assombrava-se com meus êxitos rápidos e, após algumas lições, propôs-me jogar a dinheiro, a dois copeques⁷, não pelo prêmio, mas só para não jogar de graça, o que, em suas palavras, era o hábito mais indecente. Concordei também com isso, e Zúrin mandou servir ponche e convenceu-me a provar, repetindo que eu precisava me acostumar ao serviço; e, sem ponche, o que é o serviço? Eu só obedecia. Enquanto isso, nosso jogo continuava. Quanto mais sorvia de meu copo, mais arrojado ficava. Minhas bolas sobrevoavam a borda o tempo todo; eu me exaltava, xingava o marcador, que fazia sabe Deus que contas, multiplicava a aposta a toda hora, em suma: comportava-me como um menino livre pela primeira vez. Enquanto isso, o tempo passava sem que se notasse. Zúrin olhou para o relógio, baixou o taco e informou-me que eu perdera cem rublos. Aquilo me perturbou um pouco. Meu dinheiro estava com Savélitch. Comecei a me desculpar. Zúrin me interrompeu:

– Por favor! Não precisa se preocupar. Posso esperar e, enquanto isso, vamos até a Arínuchka.

6. Palavra pejorativa, em russo, para se referir aos judeus. (N. T.)

7. Um copeque equivale a um centavo de rublo. (N.R.)

Que fazer? Terminei o dia de forma tão libertina quanto começara. Jantamos em casa de Arínuchka. Zúrin me servia constantemente, repetindo que precisava me acostumar ao serviço. Ao me levantar da mesa, mal me aguentava nas pernas; à meia-noite, Zúrin levou-me à estalagem.

Savélitch nos recebeu no terraço de entrada. Soltou um lamento ao ver os sinais indiscutíveis de meu zelo profissional.

– O que é isso, senhor, o que lhe aconteceu? – disse, com voz de lamúria. – Onde se embriagou tanto? Ai, meu Deus! Nunca vi pecado maior!

– Calado, velho! – respondi, balbuciando. – Você deve estar bêbado, vá dormir... e me bote na cama.

No dia seguinte, acordei com dor de cabeça, recordando vagamente os acontecimentos da véspera. Minhas considerações foram interrompidas por Savélitch, que chegou com uma xícara de chá.

– Começou cedo, Piotr Andrêitch⁸ – ele me disse, balançando a cabeça –, começou a patuscar cedo. Você saiu a quem? Ao que parece, nem seu pai, nem seu avô eram beberrões; de sua mãe, nem tem o que falar: jamais se permitiu colocar algo na boca além de *kvas*⁹. E de quem é toda a culpa? Do maldito “*messiê*”. Corria sem parar até Antípevna: “*Madame, je vu pri*¹⁰, vodka”. Olha só no que deu o *je vu pri*. Não tem o que dizer: ensinou você muito bem, aquele filho de uma cadela. E qual a necessidade de contratar um infiel como preceptor? Como se o patrão não tivesse gente nossa!

Eu estava com vergonha. Virei as costas e lhe disse:

– Vá embora, Savélitch; não quero chá.

Mas era complicado parar Savélitch quando ele se lançava a uma pregação.

– Pois está vendo, Piotr Andrêitch, no que dá a patuscada. A cabeinha está pesada, e não quer comer. Um bêbado não presta para nada...

8. Forma variante e coloquial de Andrêievitch, patronímico de Piotr. (N. E.)

9. Refresco fermentado de pão de centeio. (N. T.)

10. “Peço-lhe”, em francês russificado no original. (N. T.)

Tome salmoura de pepino com mel ou, melhor ainda, cure a ressaca com meio copinho de *nastoika*. Não quer?

Nessa hora, um menino entrou e me entregou um bilhete de I. I. Zúrin. Eu o desenrolei e li as seguintes linhas:

Caro Piotr Andrêievitch, por favor, mande com o menino os cem rublos que perdeu ontem para mim. Tenho extrema necessidade do dinheiro.

*A seu dispor,
Ivan Zúrin.*

Não havia o que fazer. Assumi ar indiferente e, dirigindo-me a Savélitch, que era o responsável por meu dinheiro, roupas e negócios¹¹, mandei entregar cem rublos ao menino.

– Como?! Por quê? – perguntou Savélitch, perplexo.

– Estou devendo a ele – respondi, com toda frieza possível.

– Devendo! – retrucou Savélitch, que a cada hora ficava mais perplexo. – Mas quando o senhor conseguiu lhe dever? Algo aí não está certo. Como quiser, senhor, mas não vou entregar o dinheiro.

Pensei que, se não dissuadissem o obstinado velho naquele minuto decisivo, seria difícil para mim, na sequência, liberar-me de sua tutela, e, fitando-o com orgulho, disse:

– Sou o seu senhor, e você é o meu servo. O dinheiro é meu. Eu perdi porque quis. Aconselho-o a não ficar dando uma de sabe-tudo e fazer o que lhe mandam.

Savélitch ficou tão surpreso com minhas palavras que juntou as mãos e paralisou-se.

– Por que está aí parado? – gritei, zangado.

Savélitch pôs-se a chorar.

– Querido Piotr Andrêitch – proferiu ele, com a voz trêmula –, não me mate de tristeza. Você é a minha razão de viver! Ouça o que eu digo, eu, um velho: escreva a esse bandido que você estava brincando, que não temos esse dinheiro. Cem rublos! Deus de misericórdia! Diga-lhe que seus pais lhe proibiram terminantemente de apostar, a não ser nozes...

11. Citação do poema *Mensagem a meus servos: Chumílov, Vanka e Petrushka* (1769), de Denis Fonvínin (1744–1792). (N. E.)

– Chega de mentir – interrompi, severo –, passe o dinheiro para cá, senão eu o ponho no olho da rua.

Savélitch fitou-me com profundo pesar e foi acertar minha dívida. Eu estava com pena do pobre velho, mas queria me libertar e demonstrar que não era mais criança. O dinheiro foi entregue a Zúrin. Savélitch apressou-se em arrancar-me da maldita estalagem. Apareceu com a notícia de que os cavalos estavam prontos. Saí de Simbirsk com a consciência perturbada e em mudo arrependimento, sem me despedir de meu professor de bilhar e sem pensar em voltar a vê-lo.